

O TURISTA VAI À FEIRA

Maria Jussara Caetano de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Introdução

Historicamente as feiras livres se constituíram como entremeio na relação entre o campo e a cidade. Nos seus espaços eram comercializados os bens produzidos na agricultura nas áreas rurais ou em outras regiões de onde adivinham produtos que não eram produzidos na localidade. Entre trocas comerciais e palavras trocadas ao sabor dos negócios que se mediavam, a relação entre o campo a cidade e entre a cidade e o campo – para que não pensemos numa via única de influência – era desempenhada.

Pessoas da zona rural também vinham à cidade para encontrar e rever parentes e amigos. Aos poucos, as feiras se tornaram um fenômeno dividido entre o meio rural e urbano, onde os costumes do local onde as mesmas ocorriam passaram a se expressar fortemente nos produtos comercializados, na gastronomia apresentada e principalmente pelas pessoas que compunham as feiras livres, desta forma elas viraram tanto um objeto de desenvolvimento da economia, como de desenvolvimento e expressão cultural.

Apesar do avanço da tecnologia e das mudanças exigidas pelo tempo em relação à estrutura, produtos comercializados e atrativos em geral as feiras livres mantêm essencialmente à característica rústica, preservando os aspectos primordiais de seu desenvolvimento, onde a influência marcante do homem do campo não se apaga mesmo sob as luzes que a modernidade propõe.

É possível que as feiras livres possam ser consideradas como atrativos turísticos, tendo em vista o potencial das mesmas em meio à atual valorização dos aspectos rústicos e peculiares da localidade pelo próprio turista. É notável a diversidade de produtos, pessoas, elementos históricos, culturais e gastronomia que fazem parte desse local e que devido a sua peculiaridade tem grande potencial para atrair o turista a conhecer o passado que ainda está muito presente nos dias atuais, e que sempre se renova que conta a história do campo na cidade, a história da própria cidade e de seu povo[...].

ENTRE O CAMPO E A CIDADE: A FEIRA

O campo e a cidade são espaços distintos que necessitam diretamente um do outro. É no campo onde são produzidos os produtos denominados primários, e

na cidade estes produtos são comercializados. Dessa forma entende-se que um espaço é diretamente dependente do outro, e estes estabelecem uma relação de colaboração mútua. Guimarães (1982, p. 26) defende que “[...] as cidades haviam sido a extensão do domínio do campo a agricultura, como atividade dominante fizera com que o campo fosse o ‘senhor’ das cidades”.

Partindo desse pressuposto, compreende-se não só a importância do campo para a cidade mas também a imponência do campo perante a cidade anteriormente. Isso pode explicar a presença de importantes coronéis que viviam em fazendas na zona rural e só visitavam a cidade para fins comerciais, religiosos, políticos ou sociais, comercializando produtos, participando das procissões e festividades da localidade, visitando pessoas importantes do local ou apenas parentes e amigos. É importante ressaltar que as feiras livres provavelmente sempre serviram de cenário para esses acontecimentos.

O campo com o avanço do capitalismo e com o crescimento inerente das cidades, foi colocado como o signo do atraso, do que estava preso a um passado que não condizia mais com as novas formas do mercado. Segundo Bagli (s/d, p. 2):

O campo estava imbuído em uma lógica feudal que o novo modo de produção empenhava-se em extinguir. As estruturas feudais tornaram-se incompatíveis ao desenvolvimento capitalista. As relações solidificadas durante séculos já não mais condiziam com as necessidades dessa nova sociedade que emergia.

Com o avanço contínuo do capitalismo, a ideia do campo como local importante e superior as cidades foi se dissipando. As pessoas começaram a valorizar o novo, conceituando o moderno como sendo o melhor. Aos poucos o campo já não era tão valorizado e a forte ligação entre campo e cidade já não era tão sólida. Porém, em meio as circunstâncias as feiras livres, cenário de encontro entre o campo e a cidade resistiu e fizeram-se presentes até os dias atuais.

É na feira que a relação campo e cidade renasce e relembra que um ambiente sempre dependeu e esteve interligado ao outro. Mesmo sendo algo encontrado em muitas regiões, as feiras detêm especial relevo na região nordeste. A história das feiras nesta região, muitas vezes se conurbam com a história da cidade que as albergam, pois no interior desta região surgiram ao passo lento e pesado do gado e das feiras que movimentavam a economia pecuarista. De acordo com Lima, Eliany Dionísio (s/d, p. 5):

As feiras livres são analisadas na dimensão do sistema espaço-temporal de mercados periódicos e é caracterizada no domínio de alcance limitado das cidades dos países subdesenvolvido, mesmo as de tempo integral do padrão espacial de interações típica das cidades do nordeste do Brasil.

As feiras existem em todo mundo, mas no Brasil e, especialmente, no Nordeste elas aderem a características específicas decalcadas a partir dos processos de identidade concernentes a cada localidade. Charlot (2005, p. 40) coloca que:

A feira livre constitui-se um espaço privilegiado onde são vivenciados, exercitados e atualizados os elementos que compõem este modo de ser sertanejo, inconfundível no seu falar característico, no gestual e no trajar próprio, bem como, nos seus hábitos tradicionais de consumo, estabelecendo aí uma espécie de território da cultura sertaneja, que se irradiava para sua comunidade.

Pode-se considerar uma feira livre como uma espécie de comércio varejista a céu aberto, que promove essencialmente a distribuição de gêneros alimentícios básicos, muitos deles oriundos da zona rural do município. Porém, essa localidade pode ultrapassar seu valor de simples local de abastecimento alimentício da comunidade e se agregar um valor mais amplo, o valor cultural, pois outros produtos vendidos junto aos alimentos, sendo estes próprios do lugar onde a feira se encontra.

Maia (2000, p. 290) coloca que “[...] a feira, por mais diversificado que possa ser o seu significado, é local de abastecimento, mas também de reunião, de encontro, e a sua periodicidade por ser semanal, mensal ou anual, dependendo do tipo de feira. Então, pode-se dizer que mesmo as feiras livres, em geral serem muito parecidas 35 alguns aspectos as tornam peculiares e únicas, e devido a isso surge a relevância cultural de cada feira.

Para Câmara e Lima (s/d. p. 03) “Sendo assim, a feira é, reconhecidamente, um espaço – um mundo – de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e cultura são tecidas [...]”.

Existem muitas feiras em diversas partes do mundo, onde o objetivo é o mesmo, a atividade comercial, porém apesar das semelhanças entre elas, toda feira livre é considerada única, pois possui características da localidade a qual está inserida.

MEDEIROS, Maria Jussara Caetano de. O Turista vai à feira. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), dez. 2014. Disponível em:<

<https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/4683>>. Acesso em: 12 mar. 2019.